

# Violência na infância: caminhos trilhados em discursos de “grito mudo”

*Lucileide Malaguth Colares<sup>1</sup>*

leidemn@yahoo.com.br

*Daniela Aparecida Oliveira<sup>2</sup>*

danyjug@yahoo.com.br

*Isabela Parada<sup>3</sup>*

isabela.parada@yahoo.com.br

## Resumo

Este artigo traz resultados da pesquisa “Análise do discurso da infância vitimizada pela violência e a interface com o seu entorno” do grupo Conhecimento, Trabalho e Violência na Infância (CONTRA - Violência na Infância) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), cujo *lôcus* foi o município de Sabará. Na pesquisa-ação para esta investigação etnográfica, montou-se um laboratório da infância em uma organização não-governamental (ONG) para intervenções e escutas. Os estudos de Arendt, Bauman, Foucault e Souza Santos levaram à estratégia metodológica do que se denominou: “grito mudo”, eixo norteador de abordagem da violência. Após ações em campo, percebeu-

---

1 Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), coordenadora do grupo de pesquisa Conhecimento, Trabalho e Violência na Infância (CONTRA - Violência na Infância), professora de sociologia no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG).

2 Graduanda de Pedagogia FaE/UEMG, bolsista em iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig).

3 Graduanda de Pedagogia FaE/UEMG, bolsista em iniciação científica pela Fapemig.



se alteração dos discursos. Propõe-se a continuidade da investigação da prática discursiva e sua manutenção no contexto em que se insere o sujeito pesquisado e a análise mais aprofundada sobre a dicotomia entre autonomia e emancipação.

**Palavras-chave:** Violência; infância; discurso; grito mudo.

## Introdução

### Caminhos trilhados em discurso de “grito mudo”

Olha professora, sei não, mas eu acho que você não pode parar com este trabalho seu aqui. A gente tava muito sozinho, e o que vocês estão fazendo é muito bom pra nós. A gente era chamado de lixo. Hoje “os meninos do projeto”. Mas eu quero ser mais que isto<sup>4</sup>.

Este artigo é fruto da pesquisa do grupo Conhecimento, Trabalho e Violência na Infância (CONTRA – Violência na Infância) ligado à Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, campus Belo Horizonte (FaE/UEMG/CBH). O principal intuito do grupo foi analisar o discurso da infância vitimizada pela violência antes e depois do seu envolvimento com a rede social em torno dela, considerando também o trabalho infantil como uma das formas de violência e violação de direitos. A cidade de Sabará em Minas Gerais foi o *locus* escolhido.

A pesquisa teve suas atividades iniciadas a partir de questionamentos que permeiam o tema violência na infância, gerados logo após o desenvolvimento da pesquisa de mestrado da coordenadora do grupo, cujo objeto foi a relação de cooperação e conflito dos atores de proteção da infância vitimizada pela violência doméstica. A busca docente e discente de compreensão do estatuto e do papel da educação na sociedade contemporânea, bem como sua articulação com vários aspectos contidos nesse



<sup>4</sup> Trecho do depoimento de uma menina de 12 anos que foi retirada do projeto pela avó para ir morar com o pai fugitivo da prisão em outra cidade em 2009.

universo, inclusive e mais especificamente com o mundo da infância vitimizada pelas mazelas sociais de violência efetivou a formação desse grupo para a investigação.

Após as discussões iniciais, decidiu-se pela investigação de uma forma de violência que se faz silenciosa, evidente, mas sem solução imediata, perpetrada à luz do dia, aos olhos da sociedade e das autoridades, que, porém, se encontram impotente ao combate efetivo.

Meu pai? Não conheci. Minha mãe foi embora de medo do meu padrasto. Me deixou aqui porque senão ela ia morrer. Ele brigou e disse que eu tinha que ficar. Ele é forte aqui, a comunidade tem medo dele e muita gente deve pra ele. A escola já viu meu pescoço marcado, mas ele fala que é meu “paizinho”<sup>5</sup>.

Impotente, mesmo que verbalizada, registrada, reconhecida, denunciada. Mesmo sob a proteção dos atores responsáveis pelos direitos da infância, a menina citada à cima ainda reside próximo ao agressor por não ter parentes ou para onde ir. A cidade de Sabará, onde vive, ainda não tem abrigo de proteção ou encaminhamento temporário. Ela vive atualmente com uma madrinha. O sujeito agressor é reconhecido pela comunidade como “poderoso” pelas situações a que se filia financeiramente, e sua punição movimentaria uma série de outras instâncias, inclusive questões policiais em que ele também está envolvido, dificultando a ação dos conselhos tutelares e afins.

Das diversas faces com que a violência se lança contra a infância e juventude, buscou-se aquela em que o sujeito é enclausurado e perde a voz diante de sua existência com um “grito mudo”, ou seja, impotente e não menos indignado, mas ainda sem saída. Essa infância deveria ser ouvida? Buscou-se escutá-la de uma maneira oposta à social e historicamente estabelecida, a qual remete às crianças como *infans*, ou seja, aqueles que não têm voz, ou ainda no interior de instituições educativas, como *alumni*, aqueles sem luz (KRAMER, 2008).

5 Trecho do relato de uma criança de 11 anos, vítima visível de violência física e de provável abuso (2009).



Para tanto, entregou-se a palavra a quem frequentemente não é escutado, com uma atenção voltada à percepção das entrelinhas do discurso infantil, que foi a deambulação (PAIS, 2006), o caminho escolhido. Deambular é perscrutar o outro sob um olhar integral, em uma visão de sua complexidade humana, corpo, gestos, olhares, expressões, silêncios, suspiros, falas inteiras ou entrecortadas. Essa foi a ação vigente escolhida para a pesquisa realizada e aqui exposta.

Na modernidade, a liquefação foi um “processo desde o seu começo”, sendo o “derretimento dos sólidos seu maior passatempo e principal realização” (BAUMAN, 2001, p. 8). Como consequência, a destruição do passado, da tradição, pois o intuito era substituir aquilo que se considerava sólido em demasia, “deficiente e defeituoso”, que impedia a construção de um mundo novo: uma sociedade limpa, cuja ordem e progresso pautassem todas suas dimensões.

Diante disso, em uma dita pós-modernidade, vive-se com os legados deixados por heranças da modernidade de modo que as duas épocas se confundem em ações (BAUMAN, 1999), não se sabendo onde começa uma e termina a outra. Os desafios propostos fazem com que todos que lidam com educação ou projetos sociais enfrentem situações adversas repletas de instabilidades, as quais corroboram as características da liquefação, apesar de fazerem parte do *status quo* das pesquisas ação. Como legados da modernidade, encontram-se concepções de educação e de infância e maneiras de lidar com crianças “impregnadas de Rousseau” (ARENDDT, 2005). Através desses legados ainda se espera que o projeto de sociedade moderna venha à tona a partir da educação e das crianças, ambas vistas como redentoras da sociedade.

Questões relativas à infância têm exigido respostas firmes e muitas vezes complexas. Uma delas concerne à violência, mal que assola a história da humanidade, mas poucas vezes foi estudado com profundidade (ARENDDT, 1998). Quando ainda vem carregada de assombrar a infância, torna-se mais devastadora e de difícil



solução. Kramer indaga: “De que modo as pessoas percebem as crianças? Qual é o papel social da infância na sociedade moderna? Que valor é atribuído à criança por pessoas de diferentes classes e grupos sociais?” (KRAMER, 2003, p. 37).

O significado ideológico da criança e o seu valor social são motivos de estudo da sociologia e de várias outras ciências. Nesse contexto, pergunta-se, juntamente com Kramer (2003), “de que infância falamos?” Faz-se imprescindível, portanto, a observação da infância em seu contexto e uma análise deste para o entendimento de suas particularidades e especificidades, pois há uma perniciososa visão a-histórica e descontextualizada de infância e a consequência disso é a banalização da violência contra a criança. Assim, a infância vulnerável é encontrada nas ruas, em total miserabilidade, inserida na exploração do trabalho infantil, também visto como uma forma de violência.

O estudo da pesquisa do grupo CONTRA - Violência na Infância se deu, portanto, sobre essa perspectiva da violência infantil. Da visão da sociedade enquanto valorização daquele que pode produzir cada vez mais após processos de disciplinarização e docilização de corpos, na desvalorização para desautorização (FOUCAULT, 1987) da infância destruída pelos novos valores do descontínuo mencionado por Bauman (1999).

Pensar sobre a infância vulnerável implica o conhecimento do poder sobre as crianças, o qual visa à maior produtividade e futura inserção em um mercado de trabalho da sociedade atual regida pela economia e pautada pelo consumo, produtora de estranhos excluídos que devem ser tratados sempre pela relação de alteridade (BAUMAN, 1998). No entanto, numa concepção advinda de Arendt (1998), de deslocamento do poder em relação à violência, percebe-se que a violência se instaura a partir de quando o poder já não está mais estabelecido. Sendo o poder cedido por consenso, a desestabilização do consenso acaba na retirada do poder que, não cedendo à desautorização, torna-se violência.

Dessa forma, a violência contra a infância é uma instância que



demonstra a sociedade pós-moderna liquefeita e carente de um poder que protegeria a infância. A educação formal, ainda pautada pela necessidade de um poder disciplinar, acaba sendo um *locus* que afasta a infância de sua própria segurança, especialmente se este local conceber a infância como momento a partir do qual se determina a sociedade pela educação.

Arendt (2005) acrescenta ainda a essa discussão que há um equívoco quando a educação tem como propósito a construção de uma nova sociedade, pois “preparar uma nova geração para um novo mundo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém chegados a sua nova oportunidade face ao novo” (ARENDR, 2005, p. 84). As crianças devem ser educadas para a tradição, ainda segundo essa autora, mas a sociedade líquida rechaça essa tradição (BAUMAN, 2001): a educação permanece sem chão.

Além disso, a pesquisa foi fundamentada em Souza Santos (2005, 2006) a partir de um entendimento da importância essencial de uma rede social coesa que se situe para além de uma razão indolente, cuja principal consequência é o fortalecimento do pensamento excludente. O autor também trouxe à pesquisa a aceitação da diferença como outro modo de lidar com os excluídos que não seja a relação de alteridade observada por Bauman (1998). Assim, os movimentos sociais tomam força na visão de Souza Santos (2006), sendo fundamental para a pesquisa realizada.

Concepções de movimentos sociais, de educação e de infância para além do empreendimento moderno com seu projeto de sociedade pautaram a análise do discurso infantil nesta pesquisa. O discurso enquanto, de acordo com Foucault (2005), modo de entendimento da sociedade em que está inserido, pois, segundo o autor, “analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 1986, p. 65), ou seja, a busca da compreensão da violência a partir dos discursos infantis se caracteriza também no desejo de maior conhecimento da sociedade.



Com seu início em 2008, partiu-se para a escolha metodológica de uma pesquisa ação cujo caminho aqui se encontra relatado desde a criação do grupo de pesquisa CONTRA- Violência na Infância, passando pelas ações, fundamentação teórica, relatos encontrados ao longo do trajeto, bem como resultados e discussões.

## **Metodologia ou a interpretação dos dados de campo**

### **Primeiros passos**

A percepção de que a pedagogia tem como um de seus objetos o conhecimento não somente abordado nas perspectivas cognitivistas, epistemológicas ou gnosiológicas, mas também em seu contexto social, político, econômico e cultural foi o mote a partir do qual se pautou a pesquisa do grupo CONTRA - Violência na Infância.

Essa pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) no período de março de 2009 a fevereiro de 2010 e também pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre agosto de 2009 e julho de 2010. Pretende ainda prorrogação indefinida.

O grupo de pesquisa optou pelo município de Sabará como *locus*, pela exequibilidade do projeto e a facilidade de articulação com uma organização não governamental ONG de Sabará, devido a um trabalho de 25 anos realizado nessa entidade pela orientadora da pesquisa. Encontrou-se a ONG Núcleo Assistencial Veleiro da Esperança (Nave) de portas abertas para receber a pesquisa, transformar-se em laboratório da infância e o *locus* onde oficinas seriam realizadas no intuito de envolver as crianças investigadas em ações da rede social de acordo com as concepções da pesquisa. O lugar definido para a pesquisa já era bastante conhecido em seus aspectos sociopolíticos e econômicos, sendo outro fator facilitador para a realização da pesquisa em Sabará. Assim, a Prefeitura Municipal de Sabará e sua Secretaria Municipal de Educação se dispuseram a uma parceria com a FaE/UEMG/CBH através do



grupo de pesquisa e do NAVE.

Sabará é um município que ainda guarda traços interioranos, apesar da proximidade com a capital, Belo Horizonte. Porém, a cidade apresenta como característica a vulnerabilidade social dos sujeitos, o que traz à tona as dificuldades inerentes às situações de risco e traduz a carência econômica e afetiva em que estão envolvidos.

A partir de setembro de 2008, iniciaram-se os levantamentos de dados sobre a cidade e a definição da escola municipal que se tornou parceira da pesquisa, onde foram selecionados os sujeitos da investigação. A sugestão partiu da Secretaria de Educação, que indicou a região do Barraginha, que açambarca vários bairros em seu perímetro.

Concomitantemente, pesquisas bibliográficas e estudos teóricos dos autores que fundamentaram a pesquisa foram realizados. O caráter sociológico dessa investigação deixou de lado a vertente clássica de Marx, Durkheim e Weber para a perspectiva de teóricos pós-modernos como Bauman, Boaventura, Santos, Foucault e Arendt. Como recorte do conhecimento, foi proposta a reflexão sobre a violência na infância em sua relação com as instâncias do poder e este, um agente do conhecimento. A infância interpenetra essas ações como atriz e protagonista, fazendo parte de uma maquinaria de poder. Assim, um mundo em crise esteve no contexto para discussão da pesquisa.

## **Caminhos percorridos: o “grito mudo”**

Toda metodologia tem inerente a si concepções bem estabelecidas que norteiam o trabalho de pesquisa (MINAYO, 1997). Pelos estudos teóricos realizados, durante o segundo semestre de 2008, juntamente com levantamento de dados através de uma pesquisa documental sobre o *locus* da investigação, a partir do princípio de 2009, foi possível uma ação mais intensa para se chegar aos sujeitos da pesquisa.

A abordagem qualitativa para além dos pressupostos



positivistas que rechaçam a interação do sujeito com o investigador (TRINDADE, 2001) foi considerada a melhor maneira de realizar essa pesquisa educacional, em cuja averiguação exploratória foi observada a inexistência de estudos que tratam o tema proposto do ponto de vista abordado pela pesquisa (MINAYO, 1997).

A investigação buscou o conhecimento da violência na sociedade atual, pós-moderna, através dos significados subjetivos dos relatos da infância vitimizada pela violência. Houve, portanto, a necessidade de delimitar o foco de modo progressivo (LUDCKE; ANDRÉ, 1986) com a formulação de questões que puderam contribuir com essa meta.

Inicialmente a percepção e concepção de violência da própria infância vitimizada foi vista como o problema central da pesquisa. Esse viés veio depois a se unir a outros questionamentos como as percepções e concepções de violência contra crianças também dos adultos que lidam diretamente com essas crianças em sua educação, a escuta do sujeito e dele de si mesmo, as causas e consequências desse universo para a infância, a ação da rede social de proteção à infância e o modo como se dá sua intervenção. Dessa maneira, os questionamentos transformaram-se em investigações que deram subsídios para a análise do discurso infantil antes e após o envolvimento dessas crianças pela rede de proteção e seu entorno.

Para tanto, ao longo de toda investigação, mas especialmente no momento inicial da pesquisa de campo, foram realizadas observações em *locus* fundamentadas pela metodologia de deambulação proposta por Pais (2006). Segundo a metodologia, se constata o discurso não somente nas palavras, ou até menos nestas, mas também nos gestos, olhares, silêncios em que se encontram as concepções de forma mais contundente e menos velada. Assim, foram vistas as não palavras sobrecarregadas de símbolos e como entrelinhas delas: choros, posturas ensimesmadas, cabisbaixas, olhares dispersos, mãos trêmulas, corpos tensos. De acordo com Pais: “As tramas da vida decifram-se através de vínculos de sentido que nos sugerem que a vida nem sempre se esconde por



detrás de palavras ou de silêncios, ela também está nas palavras e nos silêncios” (PAIS, 2006, p. 124).

As palavras das crianças, bem como os silêncios e toda simbologia que permeia tanto as palavras quanto os silêncios, foram analisadas pela pesquisa do grupo CONTRA – Violência na Infância em busca do discurso infantil.

Optou-se pelas categorias de violência utilizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), órgão que qualifica também essas categorias por ser o representante da área e meio pelo qual passa diretamente o sujeito quando atendido pela agressão que sofre. As violências pelas quais se optou para estudo formam, portanto, as mais vivenciadas, ou seja, violência de natureza física, psicológica, negligência e/ou omissão e abuso e/ou exploração sexual. No entanto, questionamentos sobre a distinção dessas formas de violentar a infância foram realizados pelo grupo de pesquisa. As discussões levaram ao entroncamento das diversas naturezas de violências e com isso, a opção por um caminho sobre a violência, norteador o trabalho de modo mais focado.

No momento inicial de seleção das crianças participantes do projeto, a partir de maio de 2009, o campo apresentou crianças emergindo na necessidade de apoio através de bilhetes com pedidos de socorro, de abraços carentes de carinho, de histórias contadas com riqueza de detalhes sobre as vivências nas situações de exclusão e vulnerabilidade. Isso enquanto as crianças ainda não conheciam os pesquisadores. “Você tem filha? Não? Então você quer ser minha mãe? Ah! Minha mãe? Ela grita, bate, sai toda noite pro baile e me deixa com meu irmão [de 1 ano]. De vez em quando minha vizinha vai lá” (trecho de relato de criança de cinco anos, vítima de violência física e de negligência). “Eu queria que minha mãe gostasse de me abraçar assim, igual eu estou te abraçando” (trecho de relato de criança de cinco anos, vítima de violência psicológica).



Eu tenho muitos parceiros aqui no bairro, mas ninguém liga pra esse negócio de estudar, não. A gente quer é dinheiro e o

que a gente aprende na escola não vai dar dinheiro pra gente. Aí a gente faz o que precisa fazer né. E todo mundo sabe o que eu faço, não escondo de ninguém não, olha só minha sobrancelha, todo mundo sabe quem sou eu, tá na cara!<sup>6</sup>

Dessa maneira, devido à grande quantidade de crianças com o mesmo perfil e a todas as categorias escolhidas pela pesquisa, foi preciso um eixo a partir do qual a seleção se realizasse, surgindo então: “o grito mudo”.

Com a busca pelo discurso, foram priorizadas, na seleção, crianças que se mantinham na situação de violência pela complexidade da experiência que fazia com que seu grito ecoasse mudo, apesar da vivência já ter sido verbalizada ou expressa em ações violentas e silenciosas, advindas de uma maior violência sofrida. Assim, o modo de selecionar as crianças partícipes da pesquisa não se deu de forma aleatória, mas através da observação deambulatória com a acuidade que lhe é característica.

Essas deambulações foram realizadas na escola municipal já mencionada durante os meses de maio e junho de 2009. Foram selecionadas 20% das crianças de cada turma observada para participação no projeto, sendo duas turmas do ensino infantil e quatro dos anos iniciais do ensino fundamental.

Concomitantemente, a ONG parceira do projeto foi reestruturada de modo a receber as crianças enquanto laboratório da infância, com adequação do espaço para futuras oficinas e com a articulação entre os profissionais da ONG e os pesquisadores. Dessa maneira, foram discutidas e elaboradas as concepções de infância que permeariam todo o trabalho lá realizado, da mesma forma que as metodologias empregadas nas oficinas, as quais trariam inerentes a si essas mesmas concepções.

A partir de então, realizaram-se os primeiros encontros no laboratório da infância na busca da demanda das oficinas que ocorreriam naquela ONG como mais um local da rede social

<sup>6</sup> Trecho do relato de uma criança de 13 anos, vítima de negligência e utilizada como “avião” do tráfico.



envolvida na luta em favor da infância. Porém, já nas oficinas, de maneira inesperada, as concepções de violência das crianças e seus relatos de vivências vitimizadas foram manifestados.

Eu quero uma coisa bem legal, divertida, porque de chato já tem a escola, tem lá em casa. Ah, é tudo muito difícil lá em casa. Minha mãe brigava com meu pai, meu pai também brigava com minha mãe, minha irmã também entrava na briga e eu ali, no meio de tudo, sem saber o que fazer. Fico muito nervosa e acho que no fim é tudo por culpa minha. Agora minha mãe mora longe e eu sinto muita falta dela, a gente quase não se encontra. [...] Eu vou pra escola só porque eu quero, mesmo, meu pai não liga pra isso. Mas às vezes eu vou sem nem comer antes, porque o que tem em casa eu deixo pra minha irmã mais nova<sup>7</sup>.

Nos primeiros encontros, foi possível mapear a natureza da violência em que se enquadravam essas crianças e entender a busca delas pela ludicidade perdida em sua infância vulnerável.

Optou-se, advindo do desejo das mesmas, pela realização de uma oficina de música, gerando daí a formação de uma orquestra infantil. Foi sugerido para a escola, além disso, oficinas que auxiliassem no aprendizado de conteúdos escolares, “o reforço escolar”. Apesar do entendimento do grupo da pesquisa de que o termo “reforço escolar” retrata a incapacidade da instituição de educar as crianças, esse foi mantido por ser próprio ao discurso escolar e, assim, mais bem aceito. Porém, as ações dessas oficinas de encontro com as concepções de infância e educação mostraram que as crianças consideradas com dificuldades de aprendizagem pela escola são mais capazes do que julga a instituição.



Eu preparei uma aula para discutir com as crianças sobre a importância da escrita, levando elementos da história da evolução da escrita pela humanidade, e qual não foi minha surpresa quando eu vi que elas já sabiam tudo! Elas entendiam muito bem

sobre esse aspecto histórico e também sobre a importância da escrita. Eu fiquei abismada, porque essas são as crianças que a escola chama de “burras!”<sup>8</sup>

Assim foi definido o início do trabalho das oficinas em conjunto com as crianças.

Ao longo do recesso escolar do mês de julho, a rede social no entorno da escola onde as crianças estudam foi sistematicamente mapeada e contatada, de modo que se formou de fato uma rede social integrada através da intercomunicação. Os atores sociais, mesmo muito próximos uns dos outros, não se conheciam e foram os pesquisadores que mobilizaram esse elo. A partir daí, a pesquisa tomou corpo de pesquisa ação tanto pela articulação da rede social, quanto pelas oficinas realizadas na ONG com o intuito da percepção das crianças de uma concepção de infância diferente da habitualmente vivenciada por elas.

A pesquisa ação, no entanto, abarca o risco do “fascínio da ação” (ANDRÉ, 1995) e conseqüente negligenciamento do viés teórico. Para que tal não ocorresse, os autores que fundamentaram a pesquisa foram continuamente revisitados e houve ainda a ampliação de estudos sobre suas obras através de reuniões mensais de um grupo de leitura e discussão, bem como pequenos eventos, visando discussões teóricas, ambos organizados pelo grupo de pesquisa e ocorridos na FaE/UEMG/CBH com ampla participação da comunidade acadêmica, de modo que enriqueceram e solidificaram os alicerces das ações do campo.

A pesquisa ação é considerada por Barbier (2006) como única maneira de se fazer pesquisa de qualidade nas ciências humanas. Essa investigação deparou-se com uma situação em que foi imprescindível a pesquisa ação, à medida que os atores sociais foram encontrados desarticulados e, portanto, sem constituir de fato uma rede social. Ações de atores sociais com a infância vulnerável como público alvo já existiam, mas de forma independente umas das outras. Como a pesquisa buscava a

<sup>8</sup> Trecho do relato da pedagoga responsável pelo reforço escolar na ONG (2009).



infância envolvida em uma rede, foi necessário verificar se seria possível a articulação desta.

Uma estratégia utilizada que serviu de reconhecimento da rede social e união entre os atores envolvidos em prol da infância vulnerável vitimizada pela violência foi a organização de uma caminhada pela paz no bairro onde a pesquisa vinha ocorrendo. Grande parte das crianças selecionadas para escuta do discurso infantil participou da caminhada.

Após o recesso escolar, foi realizado um cadastramento mais sistemático das crianças pelo Nave e uma maior participação delas na rede social. Houve, no entanto, uma pequena evasão, parte dela devido às famílias não permitirem a continuidade das crianças nas oficinas. Então, houve o questionamento do motivo do ocorrido e percebeu-se que foi por discordarem da concepção de infância, do laboratório da infância. Outra parte, especialmente das crianças mais novas, devido às oficinas ocorrerem no turno da tarde, quando elas se encontravam na creche, a qual teve como postura a não participação na rede social. Como forma de repor a amostragem das crianças, retornou-se à escola para novas observações e seleções somente no ensino fundamental.

A parceria com o Nave também se deu à medida que naquele local se realiza um trabalho relacionado à saúde pelas medicinas complementares e integrais da saúde e por acompanhamento psicológico: as crianças passaram a ser atendidas e as consultas se tornaram locais onde o discurso infantil foi capturado. Discussões acerca desse discurso e das reações de cada criança relativas aos tratamentos e às oficinas foram elaboradas e mobilizadas pelos pesquisadores em ação semanal. A rede social no entorno do contexto dessas crianças vitimizadas relacionadas à investigação também foi convidada a participar e a dialogar, fato, no entanto, que não ocorreu.

Ao longo do segundo semestre de 2009 e início do ano de 2010, percebeu-se uma leve mudança no discurso das crianças: de uma visão de conformismo da vitimização pela violência e até mesmo de uma crença na violência como educativa, passou a um



discurso de esperança e de outra visão de si mesmos. “Eu estou saindo daqui com mais força do que antes” (trecho de relato de criança de 13 anos, 2009).

Com a necessidade de solidez inerente à pesquisa acadêmica, o tripé da investigação foi completado com questionários e entrevistas. Assim, observação, participação e entrevista formaram, conforme palavras de Pais (2006), o triângulo cuja força de suporte constitui a estrutura básica também dos procedimentos de pesquisa.

Entrevistas semiestruturadas foram realizadas com as crianças, os professores, os gestores da escola parceira da pesquisa e os agentes da rede social, bem como questionários foram enviados para esses mesmos professores e agentes sociais, ambos - entrevistas e questionários - na busca das concepções de infância e violência. No entanto, muitos desses questionários não foram respondidos, silêncio que por si só já demonstra um desinteresse pela pesquisa e seu objeto de estudo.

A pesquisa do grupo CONTRA - Violência na Infância teve um caráter de modalidade etnográfica enquanto modo aberto de encarar a pesquisa, cujas análises sistemáticas dos conjuntos e relações dinâmicas das situações encontradas nas observações levaram a novos ângulos do problema pesquisado (ANDRÉ, 1995). A pesquisa durou mais de um ano com contato semanal com as crianças e com alguns de seus familiares, além de uma relação constante com os profissionais da escola parceira e dos agentes das redes sociais, corroborando assim com essa modalidade etnográfica.

## O caminho dos discursos

Ao longo da pesquisa, escutou-se uma grande quantidade de relatos tanto infantis quanto adultos, através dos quais se analisou a violência na sociedade atual, as visões da escola sobre as crianças e a educação, a atuação das redes sociais no entorno do *locus* da investigação. Aqui serão explicitadas algumas falas que demonstram a visão de infância por parte dos gestores da escola e de alguns



atores sociais, a situação vivenciada pelas crianças, bem como suas próprias falas antes e depois da atuação do Nave. De maneira a preservar a identidade de todos que participaram e colaboraram com a pesquisa, não haverá qualquer forma de identificação.

Nos primeiros contatos com os gestores da escola, os pesquisadores notaram falas que caracterizavam uma visão de infância reducionista no sentido exposto por Bazílio e Kramer: “ a infância é vista ora a extratos sociais, ora a níveis de escolaridade, ora a estratos ou grupos sociais que têm alguma marca em comum” (BAZÍLIO; KRAMER, 2008). Dessa forma, retira-se toda historicidade do termo infância, cujo significado foi constituído através de uma conjunção de aspectos sociais, políticos e econômicos (BAZÍLIO, 2008) e se utiliza a palavra irrefletidamente.

Esse aspecto foi identificado claramente na fala de uma das gestoras da escola. Segundo ela, as crianças que lá estudam são “bichos”. Quando questionada sobre o hábito daquela instituição de fazer excursões extraescolares, sua resposta foi a seguinte: “ Você acha que seria possível ir, por exemplo, a uma biblioteca pública com esses bichos?” (trecho de relato da diretora da escola, 2009).

Falas como essa, dos adultos que lidam com a infância no *locus* da pesquisa, permitiram a contextualização dessa infância desvalorizada e desautorizada, mas não escutada, bem como o entendimento das concepções de infância e educação. De acordo com uma das coordenadoras:

A escola não deve se envolver com questões sociais, senão não dá conta de passar os conteúdos escolares. Este é o trabalho da escola, lidar com questões sociais é tarefa de assistente social. A escola não pode pegar essa tarefa para si, senão os assistentes sociais ficam sem serviço e a escola não consegue fazer seu trabalho de passar conteúdos<sup>9</sup>.



Da mesma forma, as falas dos atores sociais e a percepção por parte de pais das crianças sobre as ações desses agentes (de um

grupo de Guardas Mirins) demonstram o que se espera de uma criança. “Olha só, aqui as crianças são todas disciplinadas. Fazem tudo o que eu mando do jeito certinho. Nem demonstram mais expressão de cansaço, porque até isso eu já ensinei a elas” (trecho do relato de um agente social, 2009). “É uma beleza ver essas crianças que fazem parte deste trabalho, todas alinhadas, comportadas, limpinhas. Isso sim é bonito de ver!” (trecho de relato de uma mãe a respeito das ações do agente social acima citado, 2009).

A rede social no entorno da infância vulnerável, além de pouco articulada, apresentou ações que visam mais a disciplinarização e docilização dos corpos (FOUCAULT, 2002) do que o enfrentamento e combate à violência contra crianças.

As análises dos discursos adultos permitiram o entendimento do discurso infantil, o qual se encontra permeado de palavras adultas nas vozes infantis como, por exemplo, quando três crianças consideraram correto apanhar quando agem de forma que não agrada aos adultos. Os relatos foram acompanhados de risos nervosos, corpos tensos, respirações ofegantes e olhares para o chão:

Teve uma vez que eu quebrei um relógio da minha mãe, ela me bateu tanto que eu até aprendi a contar as horas, de tanto apanhar. Mas ela tava certa, né, fui eu que fiz coisa errada, eu merecia apanhar. Eu fiquei triste, mas achando que não podia ficar triste, porque eu não podia ter quebrado o relógio dela<sup>10</sup>.

A agressão física como punição, no entanto, é ainda considerada educativa não só no interior da educação informal, mas até mesmo dentro de instituições escolares, haja vista a reunião em que os pesquisadores tiveram a oportunidade de participar como ouvinte durante a pesquisa. A mãe de uma criança que não estava correspondendo às expectativas, ou seja, a criança já não se encaixava nos modelos de produtividade, foi chamada para uma reunião com a professora e os gestores



10 Trecho do relato de uma criança de 10 anos (2009).

pedagógicos da escola. A pergunta, seguida de um conselho, feita pelo supervisor foi a seguinte: “A senhora dá umas palmadas no seu filho? Não faz mal, não, de vez em quando bater faz bem” (fala do supervisor da escola, 2009). A fala foi corroborada pela coordenadora: “Não é pra espancar, só dar uns tapas” (fala do coordenadora da escola, 2009).

O que se pode inferir é que, quando a criança não se encaixa em moldes preestabelecidos do que se espera por infância, a criança pode apanhar. Deixa-se de fazer parte da infância por não corresponder a certo modelo desejado? Percebe-se claramente o quanto essas falas dos gestores acima mencionadas são acompanhadas de uma concepção de criança como sujeito sem individualidade, mas sujeitado. Esse relato explicita uma relação de violência do adulto sobre a criança e ilustra como a iminência da punição já traz como resultado a disciplinarização (FOUCAULT, 2002). O choro da criança naquela reunião demonstrou isso.

Eram cinco adultos em torno da criança, alguns dizendo que o ideal seria que ele apanhasse. Sua reação foi encolher-se em torno de si mesmo, fechando os ombros sobre o peito e pressionando um joelho contra o outro, mãos tensas entre as pernas e olhar para o chão. A um momento, quando não pode mais encolher-se, chorou baixo. Por fim, chegou a soluçar.

Eu não sei mais o que fazer com este menino. Ele acha ruim porque é assim, mais escurinho que os primos. Ele fica querendo um computador, um livro, um monte de coisas que eu não posso comprar. O pai dele agora está sem emprego e eu sozinha não dou conta de comprar essas coisas. Aí ele fica nervoso, irritado, mas eu não posso fazer nada<sup>11</sup>.



O aluno vive em sofrimento por uma situação de exclusão marcada pelos principais aspectos da modernidade líquida (BAUMAN, 2001), o que evidenciava que, tanto a escola quanto a mãe não sabiam como educá-lo. Afinal, a educação do excluído

quando o projeto de sociedade quer bani-lo só faz sentido quando o processo de disciplinarização cumpre seu papel para posterior inserção da criança em um mercado de trabalho como um profissional já previamente desvalorizado pelas ações educativas que a tornou sujeitada.

As situações pelas quais essas crianças vulneráveis passam fazem parte de um rol de experiências relatadas pelas professoras que permitiu a análise da condição da infância no *locus* da pesquisa. Atentou-se para uma fala bastante elucidativa: “Eu tive um aluno que na sexta-feira, comia uns cinco pratos de merenda. A mãe dele o mandava fazer isso porque ele só comeria outra vez aqui na escola, na segunda-feira” (trecho de relato de professora da escola, 2009).

A concepção de educação como redentora da sociedade e de infância e como possibilidade de uma futura sociedade melhor se esvai diante dessa situação.

Apesar dessas experiências, a visão da escola parceira do projeto ainda carrega os legados modernos que esperam uma sociedade melhor a partir da educação e da infância, mas por não encontrarem soluções diante dos excluídos, os gestores os chamam de “bichos”. Logicamente as crianças percebem essas relações e as explicitam em falas que demonstram dificuldade de estar na escola: “Eu não gosto da escola, lá eles tratam a gente mal, dizem que a gente é lixo” (trecho do relato de criança de 11 anos, 2009).

Essas palavras foram ditas em nítido tom de indignação, acompanhadas de gestos bruscos. Falas das crianças como essa foram encontradas previamente à sua inserção nas redes sociais, quando seus relatos vieram à tona até mesmo anteriormente ao esperado. Uma criança, abusada sexualmente pelo pai, que se encontra preso, e depois pelo padrasto, relatou, cabisbaixa, com voz trêmula em um tom bastante reduzido: “Pai? Não tenho nem quero ter!” (trecho do relato de criança de 9 anos, 2009).

Em seguida, lacrimejando, virou o rosto na direção contrária das pessoas presentes. Outra situação presenciada foi com uma



criança de 5 anos de idade, cujos cabelos são pintados de loiro pelo fato dela não ter nascido negra como a mãe. A responsabilidade da manutenção da limpeza da casa sempre foi dessa criança por ser a filha mais velha, porém, em um momento em que cuidava da casa, deixou seu irmão mais novo cair. Sofreu agressões físicas a ponto de chegar à escola com muitos hematomas nas costas e no rosto. Questionada sobre o que acontecera, a criança relatou que apanhara por querer ir à casa de uma colega, ou seja, não foi capaz de entender o motivo de ter sofrido agressões.

Minha mãe me bateu. Ela puxou meu cabelo, me jogou no chão, foi me arrastando puxando meu cabelo, chutou aqui [nas costas] e jogou um negócio branco na minha cara. Ela não fica feliz quando eu faço atividade [escolar] bonita, ela só me bate, me dá murro<sup>12</sup>.

O papel onde estava desenhando enquanto relatava ficou todo amassado. A ponta do lápis se quebrou de tanto pressioná-lo sobre o papel. Essa foi uma das crianças que não pôde continuar participando do projeto e das oficinas oferecidas na ONG parceira.

Contudo, outra criança que mudou de cidade após participar das primeiras oficinas despediu-se logo após um encontro na ONG Nave quando foi plantada uma flor por cada criança, de uma maneira em que foi possível observar a alteração em sua fala no sentido de uma maior percepção de si mesma após as ações da ONG parceira.

Eu sei da importância deste trabalho que vocês estão fazendo, continue fazendo isso com as outras crianças. Eu vou levar essa florzinha e depois vou plantar várias outras. Assim tudo o que eu aprendi aqui vai ser plantado junto e eu vou ficar cada vez melhor<sup>13</sup>.



Acreditou-se que sua idade fez com que sua percepção das ações da pesquisa fosse bastante rápida e clara, bem como a alteração de seu discurso.

12 Trecho do relato de criança de 5 anos (2009).

13 Trecho do relato de criança de 13 anos (2009).

Outra situação vivenciada no laboratório da infância possibilitou a análise de que concepções de infância para além da *infans* e do *alumni* foram enxergadas pelas próprias crianças quando uma delas chegou ao reforço escolar com uma flor na mão: “Essa flor é roubada. Eu sei que é errado isso, mas eu achei que era melhor ela ficar aqui pra enfeitar a nossa mesa do que lá fora. Aqui a gente merece uma mesa enfeitada” (trecho de relato de criança de 12 anos, 2009).

As oficinas foram organizadas de forma que fosse realizado um atendimento com as crianças que não exigisse delas a produtividade, mas sim a valorização do processo para que pudessem aprender. Então as ações violentas de resposta às violências previamente sofridas deixaram de fazer parte do modo como reagem. As oficinas fizeram com que as crianças mais apáticas passassem a participar das atividades propostas, cada qual se expressando a seu modo. Elas deixaram de ser sujeitadas e foram respeitadas em sua individualidade. “Aquele menino não queria fazer nada aqui, mas de repente transformou o hino nacional em um samba. Essa outra, em pouco tempo vai conseguir tocar cavaquinho. A capacidade dessas crianças é incrível!” (trecho do relato de professor de música da ONG parceira, 2009). Essas atitudes e outros relatos possibilitaram a análise das ações extensionistas da pesquisa como responsável pela mudança do discurso infantil. Já as ações da rede social existente no *lôcus* da pesquisa, no entanto, mesmo após a articulação pelas ações da pesquisa, se mostraram ineficientes e ineficazes para combater e enfrentar a violência na infância, visto que o intuito não era de fato esse.

Dessa forma, faz-se necessária a aquisição e o aprofundamento de diferentes concepções de infância e educação por parte de segmentos da sociedade observados no *lôcus* da pesquisa, de maneira que descartem os modos modernos e abracem uma nova visão: foi este o local em que chegou a caminhada do grupo CONTRA - Violência na Infância.



## Considerações finais: caminhos a percorrer

Não podemos conceituar dignidade, mas sabemos quando não a temos (Santo Agostinho, 1997).

Ao longo de todo o percurso percorrido, questionou-se como é possível trabalhar a dignidade do outro e se esta estava no desejo consciente da conquista desse outro, mas fundamentou-se a compreensão da ação da pesquisa como um local de sementeira, onde as ações foram percebidas pelos próprios pesquisadores e atores sociais como uma ferramenta para que a dignidade fosse alcançada pela percepção do próprio sujeito. Viu-se então que a criança poderia criar outro entendimento de si mesma fora ou em paralelo da concepção de infância imposta pela escola e por outros redutos sociais.

Notou-se, de fato, uma alteração no discurso das crianças de modo geral. Ainda há o que trabalhar com algumas delas que ainda não chegaram a essa alteração do discurso, mas como a interpretação do individual leva a uma perda da capacidade de mensuração, entendeu-se que, no contínuo envolvimento das crianças na rede social como escape da razão indolente, a alteração do discurso pode vir a ocorrer.

Como se deu a mudança? Ela se deu na medida em que houve um modo de se entender as crianças não como “bichos ou lixos”, mas como sujeitos, individualidades que têm características e pensamentos próprios e que merecem ser escutados e respeitados em sua subjetividade. Uma forma diferente de ver e lidar com a infância trouxe, assim, um suporte para que a criança criasse e passasse a ter força interna para vir a ser seu próprio suporte. “Olhe professora eu trago o biscoito para repor o que está faltando, eu não sou lixo. A gente podia era fazer uma merenda para todo mundo, aí a gente ia merendar junto e ia aprender a respeitar o que é dos outros”<sup>14</sup>.



<sup>14</sup> Trecho do relato de um aluno do reforço escolar ao saber que o biscoito trazido pela professora para ser distribuído entre todos havia desaparecido.

Compreendeu-se a ação da pesquisa como um instrumento para tal suporte. Falta, no entanto, compreender agora a prática do discurso, o qual se encontra sob uma nova ótica. Mas será que as ações da ONG parceira têm amplitude suficiente para absorver a mudança do discurso enquanto práticas ativas após essa intervenção? O que a criança fará com a nova visão de si mesma? Até quando as crianças que não alteraram o discurso necessitarão de suporte externo até vir a ser realmente seu próprio suporte? Até quando se manterá o discurso alterado? Até onde autonomia e emancipação são distanciadas por uma ação dicotômica?

Além disso, há crianças que foram obrigadas a sair da pesquisa pela discordância de seus familiares por estarem vivendo as ações que vinham sendo desenvolvidas. No entanto, em alguns casos, isso ocorreu após a alteração do discurso, quando se perceberam segmentos da sociedade em desacordo com a criança enxergando a si mesma como indivíduo, sujeito não simplesmente sujeitado como massa coletiva. Há como mensurar as novas ações dessas crianças que evadiram fundamentadas em uma nova ótica? Questionamentos dessa natureza permeiam a pesquisa após suas ações.

Dessa maneira, percebeu-se a necessidade da continuidade da proposta com novas maneiras de analisar não só a alteração do discurso, mas a prática e a função social dessa mudança ocorrida ou a prática discursiva de Foucault, bem como a discussão sobre as concepções de infância e educação com outros atores sociais que fazem parte da rede e que poderão vir a envolver a infância vulnerável a partir de fundamentos já estabelecidos pela postura acadêmica e ou cultural social.

Entendeu-se também a necessidade de se estabelecer e consolidar novos núcleos e linhas de pesquisa de modo que se tornem referências institucionais com que alunos e professores possam identificar e aliar interesses acadêmicos. Assim, a importância de um núcleo que conjugasse várias instâncias de estudos sobre a infância no interior da FaE/UEMG/CBH se fez presente de modo que se finalizou esta pesquisa com



um projeto de criação de um núcleo de pesquisa, qual seja identificado como “Núcleo da Infância: concepções, direitos, violações e redes de proteção”.

Esta pesquisa tem o projeto de se tornar um programa de longa data pelos resultados obtidos até então. Com a criação de um núcleo da infância, a continuidade ficaria abrigada por uma linha de estudo mais adequada para união docente e discente, de modo a manter-se como constitutiva da formação de professores e das discussões científicas sobre educação e infância, da mesma forma que o foi para todos que puderam participar da investigação. Mas é especialmente através das crianças vitimizadas pela violência que se fazem necessários estudos e ações desse porte. Ainda há muito a caminhar.



## Referências

AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ARENDT, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_. A crise na educação. In: \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro, 2006.

BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. *Infância, educação e direitos humanos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EDUP, 1986.



MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PAIS, J. M. *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: Âmbar, 2006.

SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

TRINDADE, V.; FAZENDA, I.; LINHARES, C. (Org.). *Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.



## Violence in childhood: paths taken in discourses of “silent cry”

### Abstract:

This article presents results of research “Discourse analysis of children victimized by violence and the interface with its surroundings” about Knowledge, work and violence at childhood whose locus was the municipality of Sabara. In action research for this ethnographic research was set up a laboratory of childhood in an NGO for assistance and listening. The study by Arendt, Bauman, Foucault and Souza Santos led the methodological strategy of what is called: silent scream, a guiding approach to violence. Once there was action on the research, the speeches changed. It is proposed to continue the investigation of discursive practice and its maintenance at the context in which are the subject. And the analysis further on the dichotomy between autonomy and emancipation.

**Keywords:** Violence; childhood; speeches; silent scream.

